



editora
UEA

**FABIO CARMO PLACIDO SANTOS
MANUEL NASCIMENTO DOS SANTOS JÚNIOR
ELISAMA DA SILVA GONÇALVES SANTOS**

Sateré-Mawé

concerto para trombone e piano



SATERÉ-MAWÉ

CONCERTO PARA TROMBONE E PIANO



Governo do Estado do Amazonas

Roberto Maia Cidade Filho
Governador

Universidade do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib
Reitor

Kátia do Nascimento Couceiro
Vice-reitora

*editora*UEA

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann
Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas
Gerente

Wesley Sá
Editor Executivo

Raquel Maciel
Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann (Presidente)

Adriana Távora de Albuquerque Taveira

Carlos Mauricio Seródio Figueiredo

Gislaine Regina Pozzetti

Josefina Diosdada Barrera Khalil

Katell Uguen

Orlem Pinheiro de Lima

Silvia Regina Sampaio Freitas

Vanúbia Araújo Laulate Moncayo

Conselho Editorial





SATERÉ-MAWÉ

CONCERTO PARA TROMBONE E PIANO

FABIO CARMO PLACIDO SANTOS
MANUEL NASCIMENTO DOS SANTOS JÚNIOR
ELISAMA DA SILVA GONÇALVES SANTOS

© LAPEM

Material desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa
Práticas e Ensino Musical - LAPEM Escola Superior de Artes e
Turismo - ESAT | Universidade do Estado do Amazonas UEA
Programa de Iniciação Científica 2021-2022
lapem@uea.edu.br



Wesley Sá
Coordenação Editorial

Raquel Maciel
Assistência Editorial

Vitória Marinho
Sílvia Cavalcanti
Projeto Gráfico

Ingrid Marães
Giovana Batista
Revisão

Dominique Lobo
Diagramação

Iasmim Rodrigues
Finalização

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas.
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

S253
2026

Sateré-Mawé: concerto para trombone e piano / Orgs. Fabio Carmo Placido Santos, Manuel Nascimento dos Santos Junior, Elisama da Silva Gonçalves Santos. 1.ed. – Manaus (AM): Editora UEA, 2026.
86 p., 22 cm [E-book]
Formato PDF

ISBN 978-85-7883-868-3

Inclui referências bibliográficas

1. Sateré-Mawé. 2. Concerto. 3. Trombone e Piano. I. Santos, Fabio Carmo Placido. II. Santos Junior Manuel Nascimento dos. III. Santos, Elisama da Silva Gonçalves. IV. Título.

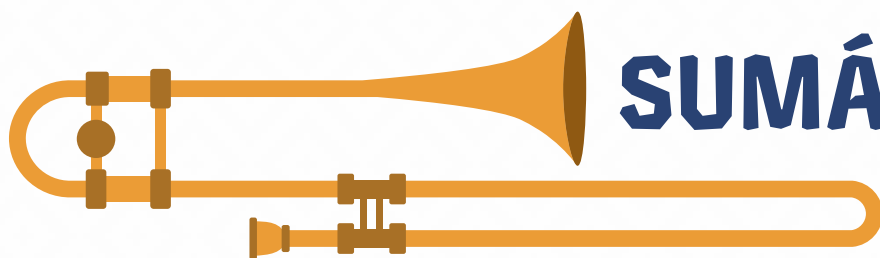
CDU 1997 – 78

Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota CRB-11/484



editoraUEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 992058858
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

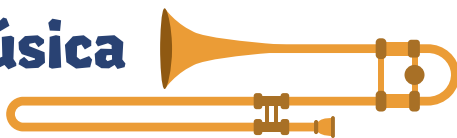


SUMÁRIO

Sobre a música	8
Nota do Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	10
Nota do orientador	13
Nota da pianista/ colaboradora	21
Nota do compositor	25
Sateré-Mawé: concerto para trombone e piano	31



Sobre a música



Este concerto para trombone e piano inspira-se na cosmovisão e na potência cultural do povo Sateré-Mawé, evocando a atmosfera da floresta e seus elementos simbólicos. Cada movimento constitui-se como uma narrativa musical que transita entre memória, mito e ritualidade, revelando a densidade estética e espiritual que fundamenta a obra.

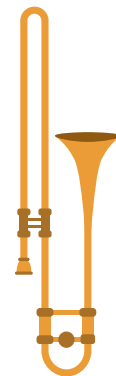
O primeiro movimento, Porantim, apresenta o instrumento sagrado em seus múltiplos significados. Nele, a escrita musical sugere desde o canto da caça e a dança ao redor da fogueira até o rito da tucandeira e a ressonância ancestral, delineando a energia vital da aldeia em suas dimensões comunitárias e espirituais.

No segundo movimento, Nusoken, a obra transporta o ouvinte ao espaço mítico dos heróis. O eco das pedras, a aparição dos guardiões e a abertura do portal sagrado conduzem a uma jornada de caráter espiritual, marcada por véus sonoros, diálogos cerimoniais e cantos que evocam saudade e transcendência.

Por fim, o terceiro movimento, Ywania, celebra a união dos clãs. A alternância entre momentos de conselho, lamento e toada culmina na intensidade do combate e na afirmação da vitória coletiva. O clímax, de caráter ritual e simbólico, reafirma a força da coletividade e a dimensão transcendente da experiência comunitária.



Nota do Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



Por Prof. Dr. Roberto Sanches Mubarac Sobrinho

É com grande satisfação que apresento Sateré-Mawé, uma composição musical amazonense para trombone e piano, a partir da colaboração compositor-intérprete, fruto do trabalho do professor Fabio Carmo Placido, do bolsista de Iniciação Científica Manuel Júnior e da inspiração ancestral do povo Sateré-Mawé. Publicada pela Editora da Universidade do Estado do Amazonas, esta partitura é mais que um registro musical: é um encontro entre arte, pesquisa e cultura amazônica.

O projeto, contemplado pelo Programa de Iniciação Científica da UEA, nasceu com o desafio de criar a primeira obra para trombone e piano assinada por um compositor amazonense. Mais que um exercício técnico, a composição se tornou uma investigação estética e ética, explorando as possibilidades expressivas desses instrumentos e dialogando com a cosmovisão Sateré-Mawé de forma respeitosa e simbólica.

A obra é estruturada em três movimentos. Porantim evoca o objeto sagrado da tribo, unindo lirismo e pulsos rituais em compassos assimétricos. Nusoken mergulha no “paraíso primordial” mítico, criando atmosferas de



mistério por meio de harmonias não funcionais, clústeres e silêncios expressivos. Ywania celebra os clãs da tribo, alternando temas e ritmos que formam um mosaico sonoro de diversidade e unidade. O trombone atua como narrador e o piano como paisagem e ritual, resultando em uma escrita que exige virtuosismo técnico e envolvimento interpretativo.

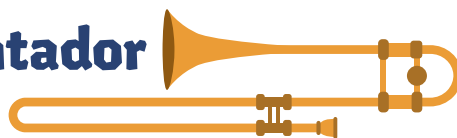
A metodologia foi marcada pela colaboração estreita entre compositor e intérprete, combinando pesquisa de repertório, análise de melodias amazônicas e ensaios experimentais. Esse processo conjunto transformou a interpretação em coautoria, incorporando experiências e sugestões performáticas à própria estrutura da obra.

O valor desta partitura vai além do mérito artístico. Ela amplia a representatividade indígena na música de concerto, descentraliza a produção cultural brasileira e reafirma o papel da universidade pública na formação de artistas-pesquisadores comprometidos com sua identidade territorial. Ao registrar em partitura essa experiência, a UEA contribui para a preservação e difusão de um patrimônio simbólico que integra memória ancestral e criação contemporânea.

Convido intérpretes e estudiosos a percorrerem esta obra como uma travessia sonora que liga a aldeia à sala de concerto, o gesto ritual ao gesto técnico. Que Sateré-Mawé inspire novas pesquisas, composições e diálogos entre arte, ciência e desenvolvimento humano na Amazônia.



Nota do orientador



Por Prof. Dr. Fabio Carmo Placido Santos

O projeto de Iniciação Científica intitulado Sateré-Mawé – Concerto para Trombone e Piano, contemplado pelo Programa de Iniciação Científica 2021-2022 (EDITAL SUPLEMENTAR Nº 035/2021 – GR/UEA), constituiu uma experiência singular e profundamente enriquecedora. Ao longo de seu desenvolvimento, tanto o orientando quanto eu, na condição de orientador, fomos conduzidos a uma jornada intensa de descobertas artísticas, acadêmicas e culturais, que superaram em muito as expectativas iniciais da proposta.

A proposta central do projeto consistiu na criação da primeira obra para trombone e piano assinada por um compositor amazonense. Tal empreendimento exigiu investigação rigorosa acerca das possibilidades técnicas e expressivas dos instrumentos envolvidos, aliada a uma pesquisa estética voltada à valorização da identidade cultural da região Norte. O concerto, portanto, não apenas se inseriu no âmbito acadêmico e musical, mas também contribuiu para o fomento de um repertório inédito, profundamente enraizado nas tradições locais. Um dos



aspectos mais relevantes da pesquisa foi a reflexão em torno da incorporação de elementos culturais indígenas à linguagem da música contemporânea. A escolha do povo Sateré-Mawé como referência simbólica e estética abriu espaço para um diálogo respeitoso e inovador entre tradição e modernidade. Esse encontro promoveu debates essenciais acerca de representatividade, apropriação cultural e dos caminhos possíveis para a construção de uma música brasileira autêntica, capaz de abraçar sua pluralidade étnica e cultural.

Mais do que a produção de uma obra inédita, o projeto mostrou-se fundamental para o amadurecimento artístico e intelectual dos envolvidos. Evidenciou a riqueza da produção musical do Amazonas e ressaltou a importância de espaços institucionais que estimulem a criação autoral com identidade regional. Assim, consolidou-se como marco significativo no cenário da música contemporânea amazônica, sublinhando o papel transformador da universidade como fomentadora da cultura local e valorizadora das expressões regionais.

O processo colaborativo entre compositor e intérpretes — trombonista e pianista — foi o eixo estruturante da pesquisa, assumindo uma dimensão muito mais ampla do que a mera execução de ideias predefinidas. Desde as etapas iniciais, a constante troca de percepções e sugestões entre os participantes mostrou-se decisiva para o desenvolvimento da obra. Essa dinâmica rompeu com o modelo tradicional de criação unilateral, propondo que a composição emergisse de uma escuta ativa e compartilhada.



Longe de se configurar como simples transcrição do pensamento do compositor para a partitura, a construção da obra foi permeada por um diálogo contínuo que considerou gestos, experiências e repertório técnico do intérprete como elementos fundamentais do processo criativo. Essa interação possibilitou uma escrita musical mais orgânica, expressiva e condizente com as particularidades dos instrumentos. Essa colaboração afetiva e artística conferiu à peça uma dimensão sensorial e comportamental, em que sons, timbres e dinâmicas foram testados e refinados em tempo real. As decisões musicais transcenderam a lógica racional, incorporando aspectos emocionais e performativos, e reconhecendo a presença física e subjetiva do intérprete como coautor do discurso musical. Desse modo, ampliou-se a compreensão do papel do intérprete, que deixou de ser mero executor para assumir a posição de agente criativo fundamental no processo.

Como resultado, a obra alcançou uma escrita musical profundamente contextualizada, não apenas em termos técnicos, mas também em sua busca estética por uma identidade cultural autêntica. A composição reflete um processo de escuta mútua e de construção conjunta, demonstrando que, quando compositor e intérprete compartilham uma visão artística, a música atinge uma força expressiva que transcende a partitura e se aproxima de sua essência comunicativa e simbólica. Uma questão fundamental orientou todo o percurso criativo: como incorporar, de forma ética e significativa, elementos característicos da cultura indígena? Tal inquietação não se limitou à busca estética, mas representou uma reflexão ética



sustentada por pesquisa sensível e respeito à diversidade identitária da região.

Para enfrentar essa complexidade, adotou-se metodologia qualitativa e descritiva, configurada como estudo de caso, o que possibilitou abordagem flexível e atenta aos elementos subjetivos da criação artística. Essa perspectiva favoreceu o acompanhamento detalhado do processo colaborativo, permitindo mergulho profundo na interface entre arte, cultura e performance. A imersão metodológica viabilizou o mapeamento das influências culturais, musicais e simbólicas presentes na obra. A escuta cuidadosa e o diálogo constante entre os participantes constituíram ferramentas essenciais para evocar a tradição indígena sem reduzi-la ou simplificá-la. O processo não objetivou a reprodução literal de formas tradicionais, mas a criação de ressonâncias simbólicas e musicais alinhadas aos universos culturais investigados. A escolha do nome Sateré-Mawé transcende o mero simbolismo ou exotismo: trata-se de gesto político, estético e ético, que valoriza os saberes ancestrais e sua presença no imaginário sonoro contemporâneo. Nomear a peça em referência a esse povo significa reconhecer e destacar uma identidade cultural historicamente invisibilizada nos discursos musicais hegemônicos.

Nesse sentido, o projeto não se pautou na apropriação direta de cantos, rituais ou elementos específicos da música tradicional Sateré-Mawé, mas na construção de um diálogo sensível com sua cosmovisão. Relações com a natureza, concepções de tempo cíclico,



ritos de passagem e espiritualidade cotidiana foram traduzidos para a linguagem contemporânea por meio de texturas, dinâmicas e estruturas abertas, em lugar de citações literais.

Para alcançar tal expressividade, foram exploradas estratégias composicionais que privilegiam gesto, espacialidade sonora e interação entre os instrumentos. A escrita musical foi concebida como campo de escuta ativa, em que trombone e piano dialogam em camadas simbólicas, criando sonoridade que ultrapassa a forma e evoca atmosferas, ritmos interiores e narrativas implícitas. A colaboração entre compositor e intérprete mostrou-se fundamental para a concretização desses aspectos na prática musical. O intérprete não apenas executou a partitura, mas participou ativamente das decisões estéticas, testando possibilidades sonoras, sugerindo modificações e interpretando com sensibilidade as nuances culturais. Esse processo garantiu a realização de uma obra coerente, respeitosa e inovadora.

Assim, o concerto inspirado nos Sateré-Mawé transcende a condição de peça musical, tornando-se documento artístico de escuta e valorização cultural. Ao aproximar música contemporânea e tradição indígena, o projeto reafirma a arte como espaço de encontro, reflexão e resistência. A obra resultante é, simultaneamente, expressão técnica e estética inovadora, bem como gesto político e poético de pertencimento amazônico.

Essa iniciativa configura um marco na produção musical da região, abrindo caminhos para novas criações



acadêmicas e artísticas que valorizem a riqueza cultural do Norte brasileiro. Tradicionalmente sub-representada no repertório da música de concerto, essa região carece de obras que reflitam suas particularidades culturais, sonoras e simbólicas, sobretudo em formações instrumentais específicas como trombone e piano. Ao propor um concerto com essa instrumentação e estética enraizada no território, o projeto reafirma a necessidade de construir repertórios autorais que dialoguem com as raízes locais. Esse movimento amplia o repertório da música de concerto brasileira e contribui para descentralizar as referências estéticas dominantes dos grandes centros urbanos do Sudeste e Sul do país.

O concerto não emergiu de intenções meramente técnicas ou estilísticas, mas de um processo contínuo de escuta, pesquisa e colaboração. A interlocução constante entre compositor e intérprete, associada a uma investigação comprometida com os valores culturais do Amazonas, possibilitou a criação de uma obra que traduz artisticamente as tensões, belezas e complexidades de seu contexto. Trata-se, portanto, de um ato de resistência simbólica e afirmação territorial. Essa iniciativa desafia as fronteiras tradicionais da música de concerto, propondo uma obra que, embora ancorada em técnicas eruditas, incorpora elementos sensíveis ao imaginário indígena e à paisagem amazônica. Essa hibridização estética evita a exotização ou folclorização, optando por uma escuta situada: uma música que reconhece sua origem e destinatário, mesmo no campo da contemporaneidade.



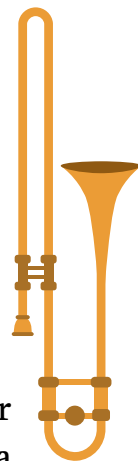
Para além de seu valor artístico, o projeto desempenha papel crucial no fomento à produção musical local. Incentivar composições enraizadas em contextos regionais é essencial para promover a diversidade estética e simbólica da música brasileira. Quando a criação nasce do território e respeita suas vozes e modos de existência, fortalece-se como expressão autêntica e necessária. Como orientador, pude testemunhar o notável amadurecimento acadêmico do estudante, tanto em sua técnica composicional quanto em sua capacidade crítica e reflexiva acerca da música. O projeto exigiu postura investigativa e abertura ao diálogo, competências que foram desenvolvidas ao longo de todo o percurso e que certamente acompanharão o discente em sua trajetória futura.

Por fim, esta iniciativa reafirma o papel da universidade como espaço de criação crítica e culturalmente comprometida. Ao articular pesquisa, prática artística e valorização territorial, aponta caminhos para uma produção musical que transcenda a técnica, abrace a diversidade e reconheça o poder transformador da arte. Que esta obra seja apenas a primeira de muitas vozes do Norte brasileiro a ressoar no cenário nacional da música de concerto.



Nota da pianista/colaboradora

Por Profa. Dra. Elisama da Silva Gonçalves Santos



Quando fui convidada pela equipe responsável por este projeto a lançar meu olhar de pianista sobre esta obra, ainda em construção na época, não hesitei em aceitar. Sateré-Mawé, além de constituir um marco para a música contemporânea brasileira para trombone e piano ao revelar aspectos da cultura da região Norte, é também um rico experimento composicional colaborativo, que rompe com a lógica das criações unilaterais e abre portas para um modo de compor integrativo, de diálogo e de acolhimento da visão do intérprete.

Participar desse processo me trouxe dois aprendizados essenciais: primeiro, uma compreensão mais profunda sobre a cultura e a musicalidade dos povos originários da Amazônia; e, segundo, a oportunidade de refletir e contribuir, enquanto pianista, para os caminhos da escrita e da interpretação desta obra.

Ao se debruçar sobre uma composição, o compositor enfrenta dois grandes desafios. O primeiro é transformar em notação gráfica aquilo que apreende de uma determinada cultura ou universo musical; o segundo é tornar essa escrita factível para os instrumentos a que se destina. No caso desta obra, destaco especialmente o piano, meu instrumento principal. Há ainda um terceiro aspecto fundamental:



em música de câmara, é necessário oferecer uma escrita que permita a fusão de sonoridades, articulações, ideias musicais, tempo e ritmo entre os instrumentos. Em Sateré-Mawé, o compositor Manuel Júnior articula esses elementos de forma magistral, entrelaçando-os em uma linguagem que exige tanto técnica quanto sensibilidade.

A obra organiza-se em três movimentos contrastantes — Porantim, Nusoken e Ywania. Apesar das especificidades musicais de cada termo, há uma clara unidade, construída a partir da recorrência de motivos rítmicos e melódicos que atravessam os três movimentos. Do ponto de vista pianístico, a obra apresenta uma ampla gama de desafios técnicos: variações de articulação entre as mãos, arpejos, escalas, polirritmias, terças sobrepostas, sequências de oitavas, notas repetidas em grande velocidade e o uso de todo o espectro sonoro do instrumento, do registro grave ao mais agudo.

No que se refere à relação entre trombone e piano, o primeiro movimento inicia com ambos dobrando melodias em andamento lento, remetendo ao canto da floresta e à sensação de mergulho inicial em um ambiente ritual. Em seguida, surgem momentos de diálogo — jogos de pergunta e resposta — alternados com passagens em textura homofônica. Um dos grandes desafios da música de câmara é integrar instrumentos de naturezas distintas, como o trombone (metal de sopro) e o piano (cordas percutidas), em uma fusão sonora convincente. Para tal, torna-se essencial compreender as características idiomáticas de cada instrumento e buscar



uma escuta atenta às articulações e nuances propostas.

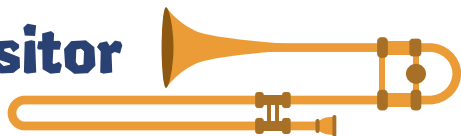
No segundo movimento, o pianista é convidado a explorar efeitos não convencionais, como percutir a madeira do piano, recurso que remete diretamente a elementos constitutivos da vida amazônica — madeira, pedras, árvores, barcos, remos, pedregulhos e a própria terra. Observa-se também o uso recorrente de oitavas no registro grave, evocando a ideia de chão, território, natureza e respeito à floresta.

O terceiro movimento apresenta uma sequência de “micro-movimentos” contrastantes, que dialogam entre si e revelam a estruturação social dos clãs Sateré-Mawé. Cada episódio destaca características particulares por meio de elementos rítmicos, tímbricos e melódicos, recriando musicalmente o mosaico de vozes que compõe a comunidade.

Acredito que esta obra finca sua bandeira na história da música contemporânea para trombone e piano no Brasil não apenas por sua inspiração na cultura indígena da Amazônia, mas também por valorizar o processo colaborativo entre compositor e intérprete. Trata-se de uma relação que enriquece tanto a criação quanto a interpretação. Desejo que esta peça inspire outros compositores e compositoras a explorar a composição colaborativa, fundamentada nos saberes musicais dos povos originários brasileiros, ampliando o repertório para metais e piano em nosso país e no mundo.



Nota do compositor



Por Manuel Nascimento dos Santos Júnior

A obra Sateré-Mawé – Concerto para Trombone e Piano é concebida como um exercício de tradução sonora da cosmovisão indígena e da vivência ritual. Estruturada em três movimentos – Porantim, Nusoken e Ywania –, a peça articula procedimentos da música contemporânea (clusters, modos mistos, bitonalidade, texturas expandidas, exploração timbrística) com imagens simbólicas oriundas da cultura Sateré-Mawé. O trombone assume função de narrador, ora evocando a voz ancestral, ora a do guerreiro ou do xamã, enquanto o piano estabelece ambientes sonoros que vão da textura harmônica rarefeita à percussividade ritual.

Movimento I – Porantim

O movimento inaugural recebe o nome do objeto sagrado da tribo, o Porantim, bordão cerimonial que concentra valores cósmicos e sociais. A seção inicial apresenta um caráter lírico, com melodia longa no *trombone* em registro médio-grave, apoiada por acordes discretos no piano. A harmonia é construída a partir de quartas sobrepostas e modos mistos, recurso que desfaz a tonalidade funcional e cria uma ambiguidade modal.



Com a progressão, surgem episódios de maior densidade rítmica, sustentados por compassos assimétricos (5/4, 6/8 alternados) e células repetitivas no piano, que assumem papel percussivo. O trombone utiliza recursos estendidos, como glissando, multifônicos e ataques de ar comprimido, ampliando seu espectro tímbrico. Há alternância entre trechos contrastantes: passagens de lirismo modal (“afeto materno, canto de ninar”) e seções de tensão crescente (“ritual da tucandeira – coragem e dor iniciática”). A narrativa culmina na “ressonância do porantim”, onde acordes em dinâmica fortíssima e articulações incisivas simbolizam a força coletiva.

Movimento II – Nusoken

O segundo movimento se estrutura a partir da ideia de Nusoken, morada mítica dos heróis. O processo composicional aqui abandona a linearidade métrica, explorando uma escrita mais textural e atmosférica.

A harmonia é frequentemente não funcional, construída com clusters cromáticos, intervalos aumentados e sobreposições bitonais, criando deslocamento e instabilidade perceptiva. O silêncio é tratado como elemento estrutural: pausas longas, respirações e efeitos instrumentais não convencionais (como sopro sem bocal no trombone e percussão na madeira do piano) são integrados à narrativa.

Do ponto de vista formal, o movimento apresenta seções contrastantes:



- Texturas rarefeitas (dinâmicas pianíssimo, notas sustentadas, prolongamentos de ressonância) que evocam o “canto de saudade” ou a “chuva fina sobre o pedral”;

- Explosões súbitas de densidade sonora, em forte e fortíssimo, que simbolizam a “abertura do portal” ou a “aparição dos guardiões”.

A escrita instrumental exige do intérprete domínio de técnicas expandidas: flutter-tongue, glissandi com surdina, ataques de ar alternados e efeitos de sopro inaudível no trombone; clusters, glissandi internos, uso da madeira e abafamento das cordas no piano. A sonoridade resultante sugere um espaço ritual de caráter iniciático, próximo ao transe.

Movimento III – Ywania

O terceiro movimento retoma a energia rítmica e coletiva. O termo Ywania remete aos clãs que constituem a base da organização social Sateré-Mawé. Ainda que a concepção inicial previsse a representação de cada clã por um motivo específico, a versão definitiva opta por evocar apenas alguns nomes, priorizando a ideia de união.

Do ponto de vista rítmico, o movimento se organiza em ostinati, síncopas e acentuações alternadas, que criam instabilidade métrica e remetem às danças coletivas. O piano atua de modo fortemente percussivo, com uso de clusters e acordes de ataque seco, enquanto o trombone alterna entre frases cantáveis, glissandi agressivos e registros extremos.



A estrutura interna apresenta momentos de caráter dançante (“canto do waranã”, “toada”), seguidos por episódios de tensão e combate (“alerta”, “combate”), culminando em “vitória”, seção final em que os dois instrumentos convergem em dinâmica fortíssima e texturas densas. A narrativa sugere o percurso coletivo de um povo que atravessa o conflito e reafirma sua força comunitária.

Considerações Técnicas e Estéticas

A peça explora constantemente a dialética entre lirismo e percussividade, silêncio e densidade, tradição modal e experimentação contemporânea. O trombone, em especial, é tratado como voz humana, com inflexões de canto, fala e grito. O piano, por sua vez, ultrapassa sua função harmônica tradicional, aproximando-se da função de tambor ritual, pedra ressonante ou rio que corre.

O uso de compassos assimétricos, modos mistos, clusters, técnicas expandidas e exploração de ressonâncias posiciona a obra dentro de uma estética de concerto contemporâneo, mas sempre referenciada por imagens culturais específicas. Não se trata apenas de experimentação formal, mas de um esforço por criar uma tradução sonora da cosmovisão indígena, preservando sua simbologia e transmitindo-a no espaço da sala de concerto.



Epílogo

O Concerto Sateré-Mawé representa a síntese entre a pesquisa sonora contemporânea e a reverência à cultura indígena, assumindo um papel singular no repertório brasileiro para trombone e piano. Sua execução demanda virtuosismo técnico, domínio das técnicas estendidas e profundo envolvimento expressivo dos intérpretes. Mais do que habilidade instrumental, a obra exige uma postura ética de respeito, pois cada som evocado remete à floresta, aos rituais e à memória ancestral de um povo.

Mais que uma peça de concerto, a obra afirma-se como um ato de escuta e de reflexão crítica. Ao incorporar a cosmovisão do povo Sateré-Mawé, propõe um diálogo sensível entre tradição e contemporaneidade, questionando o lugar da música acadêmica brasileira e convocando-a a reconhecer, valorizar e integrar as culturas originárias como dimensões constitutivas de sua identidade. Nesse sentido, o concerto torna-se um espaço de encontro estético e simbólico, em que arte e território se entrelaçam.

Este epílogo não assinala um encerramento, mas a abertura de caminhos. O concerto inaugura possibilidades para novas criações que enraízem a música acadêmica em seus contextos culturais, reafirmando a diversidade e o pertencimento amazônico. Ao transformar partitura em território de memória e performance em rito, a obra inscreve-se como marco poético e político, prenunciando outras vozes do Norte a ressoarem no cenário nacional da música de concerto.



Sateré-Mawé¹

concerto para trombone e piano

MOV. I - PORANTIM²

MANUEL JÚNIOR

Alvorada

"Amanhecer na aldeia – o sopro do vento entre as árvores. Sons solitários, evocando a vida que desperta na floresta."

ad libitum

Trombone

mp espress.

Alvorada

Piano

Tbn.

Pno.

Tbn.

molto rall.

mp

Pno.

molto rall.

¹ Sateré-Mawé - Sateré (lagarta de fogo), clã mais importante dentre os que compõem essa sociedade. Mawé (papagaio inteligente e curioso).

² Porantim - peça de madeira com desenhos geométricos gravados em baixo relevo, semelhante a uma clava de guerra ou um remo. O Porantim possui um leque de atributos: é o legislador social dos Sateré-Mawé que o tem como sua constituição, sua bíblia, com poderes cósmicos.

MOV. I - PORANTIM

2

Prelúdio ♩=102

18

"O movimento da caça na mata fechada."

Tbn.

Pno.

mf

mf

23

Tbn.

Pno.

27

Tbn.

Pno.

31

Tbn.

Pno.

MOV. I - PORANTIM

3

"Dança ao redor da fogueira."

35

Tbn.

Pno.

f

37

Tbn.

Pno.

40

Tbn.

Pno.

43

Tbn.

Pno.

trump

Sateré-Mawé

Sateré-Mawé

59

Tbn.

Pno.

Affettuoso ♩=72

"Afeto materno, canto de ninar ancestral."

64

Tbn.

Pno.

Affettuoso ♩=72

68

Tbn.

Pno.

73

Tbn.

Pno.

MOV. I - PORANTIM

6

78 "Passo sereno na floresta úmida."

Tbn. *mf* *mp* 3

Pno. *mf* *mp*

85

Tbn.

Pno.

Andante ♩=88

92 "Com o compasso do rio que corre em banzeiro."

Tbn. *f*

Pno. *f* *f*

96

Tbn. *mf*

Pno. *mf* 4

MOV. I - PORANTIM

7

102

Tbn. *sfz mf sfz mf*

Pno.

107 [1.] *f mf* [2.] *f p sub.*

Pno. [1.] *f mf* [2.] *f*

112 *mf mp mf pp* *morrendo*

Pno. *mp mf pp* *morrendo*

Agitado, como a dança do ritual ♩=98

117 "Ritual da tucandeira – coragem e dor iniciática."

Tbn.

Pno. *mf ff*

MOV. I - PORANTIM

122

Tbn. *ff*

Pno.

126

Tbn. *5*

Pno.

131

Tbn. *gliss.*

Pno. *3* *sfz*

Sussuro da mata ♩=65

138

"Silêncio da mata após a chuva."

Tbn. *p* *gliss.* *rall.*

Pno. *p* *rall.*

MOV. I - PORANTIM

9

Canto $\text{♩} = 72$

"Canto de vitória - alegria após a conquista."

144

Tbn. *mf*

Pno. *mf*

148

Tbn.

Pno.

151

Tbn. *accel.*

Pno. *8va* *accel.*

Com o pulsar da floresta $\text{♩} = 102$

156 "Dança da chuva."

Tbn. *mp*

Pno. *mp*

MOV. I - PORANTIM

10

159

Tbn.

Pno.

mf

f

163

Tbn.

Pno.

f

f

165

Tbn.

Pno.

168

Tbn.

Pno.

MOV. I - PORANTIM

11

171

Tbn. *p*

Pno. *p*

174

Tbn. *f*

Pno. *f*

177 "Com solenidade ritual."

Tbn.

Pno.

179

Tbn.

Pno. *6*

MOV. I - PORANTIM

182

Tbn.

Pno.

ff

ff

ff

185

Tbn.

Pno.

Cadenza
"rubato livre"
ad. libitum //

mf

Cadenza //

187

Tbn.

Pno.

"O sopro dos ancestrais guiando o caminho."

191

Tbn.

Pno.

3

3

MOV. I - PORANTIM

13

195

Tbn.

Pno.

199 *accel.*

Tbn.

Pno.

201

Tbn.

Pno.

rall.

trvv

Expressivo ♩=105

"Ressonância do porantim – anúncio de novos cantos."

202

Tbn.

Pno.

ff

ff

ff

Expressivo ♩=105

MOV. I - PORANTIM

205

Tbn.

Pno.

mf

mf

mf

207 *opt.* *gliss.*

Tbn.

Pno.

ff

ff

sf

sf

205

Tbn.

Pno.

mf

mf

mf

207 *opt.* *gliss.*

Tbn.

Pno.

ff

ff

sf

sf

MOV. II - NUSOKEN¹

Passo dos anciãos rumo ao sagrado ♩=110

"O silêncio abre caminho para Nusoken, onde as pedras guardam a voz dos heróis."

Trombone

Piano

mp dolce

mp

5

Tbn.

Pno.

"Cada som é como pegada no solo sagrado."

Tbn.

Pno.

mp dolce

13

Tbn.

Pno.

¹ Nusoken - paraíso, morada dos heróis míticos

© LAPEM

Material desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa Práticas e Ensino Musical - LAPEM
Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT | Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Programa de Iniciação Científica 2021-2022.
lapem@uea.edu.br

MOV. II - NUSOKEN

2

Agitação ♩=132

17 "As pedras começam a despertar – ecos múltiplos entre sombras e luz."

Tbn.

Pno.

Suspirando ♩=110

21

Tbn.

Pno.

25

Tbn.

Pno.

29 Agitação ♩=132

♩=70

♩=132

♩=70

Tbn.

Pno.

MOV. II - NUSOKEN

3

Aparição dos guardiões ♩=132 ♩=70 **Aparição dos guardiões** ♩=152
 “Movimento vertiginoso – o portal do templo se abre.”

33 Tbn. *f* *mf* *f*

Pno. *mf* *f* *f*

36 Tbn. *molto rall.*

Pno. *molto rall.*

No limiar do sagrado ♩=72
 “Avanço solene, como quem percorre o caminho para Nusoken.”

39 Tbn. *mf*

Pno. *mf*

Passos no templo ancestral ♩=95 *flutter-tonguing* *nat.* *flutter-tonguing*

45 Tbn. *mp*

Pno. *mp* *8va* *mp*

MOV. II - NUSOKEN

4

49 nat. flutter-tonguing nat. *mf*

Tbn.

(8)

Pno.

53 *accel.* *ff* *f* Redemoinho de forças ♩=152

Tbn.

accel. *f* *ff* *f* Redemoinho de forças ♩=152

Pno.

57 6

Tbn.

Pno.

60 *Misterioso* ♩=124 *ff* *mp* *f* *mp*

Tbn.

Misterioso ♩=124 *ff* *f* *mf* *mp* *mp*

Pno.

"O som atravessa o invisível – a floresta se cobre de véus."

"Vento dos ancestrais."
soprar no instrumento sem bocal, ad libitum

"Coração das árvores."
com a mão no aro do piano,
como se batesse em uma porta

MOV. II - NUSOKEN

5

65

Tbn.

Pno.

70

Tbn.

Pno.

74

Tbn.

Pno.

78

Tbn.

Pno.

Sateré-Mawé

49

“Veu sobre a voz.”
con sord.

mf

f

mp

mf

p

p

open
mf

5

MOV. II - NUSOKEN

6

Ritmo Cerimonial ♩=122

"Como batida de maracá na casa ritual – firme, mas contido."

82

Tbn.

Pno.

86

Tbn.

Pno.

Dialogando

"Perguntas e respostas entre sábios – a sabedoria ecoa no espaço."

90

Tbn.

Pno.

94

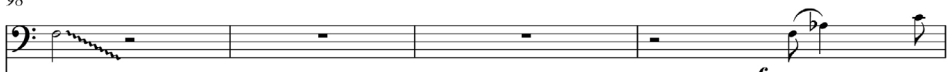
Tbn.

Pno.

MOV. II - NUSOKEN

7

98

Tbn. 

Pno. 

Ressoando

"Vozes cruzadas - a floresta inteira participa do canto."

102

Tbn. 

Ressoando

Pno. 

105

Tbn. 

Pno. 

108

Tbn. 

Pno. 

MOV. II - NUSOKEN

8

111

Tbn.

Pno.

114

Tbn.

Pno.

117

Tbn.

Pno.

"A pedra respira – o som vem das entranhas da terra."

ff

ff

mf

ff

ff

mf

ff

122

Tbn.

Pno.

"Abertura do portal – explosão de energia sagrada."

p

ff

p

ff

p

ff

MOV. II - NUSOKEN

9

Como um lamento ♩=72

"Canto de saudade dos heróis de Nusoken."

125

Tbn.

mp

Pno.

mp

mp

129

Tbn.

Pno.

"Chuva fina sobre o pedral — o eco se dissolve no tempo."

molto rall.

133

Tbn.

pp

molto rall.

Pno.

MOV. III - YWANIA¹

Ciclo $\text{♩}=72$

"Formação do círculo sagrado, energia começa a pulsar."

Trombone

mf

Ciclo $\text{♩}=72$

Piano

mf

6

Tbn.

Pno.

10

Tbn.

Pno.

13 "Os clãs se reinem em torno da aldeia."

Tbn.

Pno.

¹ Ywania - clãs. Estruturação da sociedade Saterê-Mavê. São eles: saterê (lagarta de fogo), waranã (guaranã), ywaçai (açai), akuri (cotia), avkuy (guariba), as'ho (tatu), laguarê (onça), piriwato (rato grande), akyi (morcego), môi (cobra), lwi (gavião), nhampo (passaro do mato), uruba (urubu) e nhap (caba). Geralmente os xamãs - paini na língua saterê-mavê, são do clã môi (cobra).

© LAPEM

Material desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa Práticas e Ensino Musical - LAPEM
Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT | Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Programa de Iniciação Científica 2021-2022.
lapem@uea.edu.br

MOV. III - YWANIA

2

17

Tbn.

Pno.

21

Tbn.

mp

Pno.

mp

25

Tbn.

Pno.

29

Tbn.

p

Pno.

MOV. III - YWANIA

3

Presságio $\text{♩}=82$

33 "A floresta anuncia movimento, sinais de batalha próxima."

Tbn.

Pno.

p

p

Tbn.

Pno.

Metamorfose $\text{♩}=142$

Tbn.

Pno.

f

f

f

45 "A voz muda de cor, serpente revelada, sopra profundo."

Tbn.

Pno.

p

mp

mf

p

eco

p $\rightarrow$ *pp*

p $\rightarrow$ *pp*

Sateré-Mawé

MOV. III - YWANIA

4

51

*harmon mute
com stem*

Tbn.

mp

eco

Pno.

p *pp* *mp*

mf *p* *mf* *p*

55

Tbn.

Pno.

mp *mp*

mf *p* *mf* *p*

59

Tbn.

Pno.

mp *mp*

mf *p* *mf* *p*

63

Tbn.

open

mf

Pno.

mp *mf*

mf *p* *mp*

MOV. III - YWANIA

5

Toada

66 "Canto do waraná, passos firmes em solo sagrado."

Tbn.

Toada

Pno.

mf *p*

Tbn.

Pno.

mf *p* *mp*

Tbn.

Pno.

mf *p*

(L2+) (7)

Tbn.

Pno.

MOV. III - YWANIA

6

80

Tbn.

Pno.

85

Tbn.

Pno.

Lamento $\text{♩}=82$

89

"Canto ancestral em dor contida, ecoando na floresta."

Tbn.

mp

Pno.

p

p

Lamento $\text{♩}=82$

93

Tbn.

mf

Pno.

MOV. III - YWANIA

7

Conselho $\text{♩}=74$

"Vozes em diálogo, sabedoria transmitida entre gerações."

97

Tbn.

mp

Conselho $\text{♩}=74$

Pno.

mp

mp

101

Tbn.

Pno.

105

Tbn.

p *mf* *p f*

Como Um Vêu $\text{♩}=72$

Impulso $\text{♩}=88$

Pno.

p *mf* *p* *f*

p *mf* *p* *f*

109

Tbn.

p *mf* *p f*

Como Um Vêu $\text{♩}=72$

Impulso $\text{♩}=88$

Pno.

p *mf* *p* *f*

p *mf* *p* *f*

MOV. III - YWANIA

8

113 **Alento**

Tbn.

Pno.

Alento

mp

mp

Raiz ♩=72

117 "Clã sateré em exaltação." (1) (6) 3 (1) (6)

Tbn.

mf

Raiz ♩=72

Pno.

mf

121

Tbn.

Pno.

124

Tbn.

f *mp*

Pno.

f *mp*

f *mp*

MOV. III - YWANIA

9

Luar

"A aldeia repousa sob a lua, atmosfera clara mas em suspense."

129

Tbn.

Pno.

mp

134

Tbn.

Pno.

p

molto rall.

Transcendência ♩=122

"A escuridão se acende em energia sagrada."

140

Tbn.

Pno.

f

mf

Êxtase

"Chamas em espiral, calor que consome e celebra."

148

Tbn.

Pno.

mf

mf

MOV. III - YWANIA

10

152

Tbn.

Pno.

156

Tbn.

Pno.

161

Tbn.

Pno.

166

Tbn.

Pno.

MOV. III - YWANIA

11

rall.

170

Tbn.

Pno.

p *mp*

gliss.

p

p

Prece ♩=56

"O mõi (cobra) inspira reverência, a melodia vira oração."

173

Tbn.

Pno.

mp

mp

mp

Prece ♩=56

accel.

176

Tbn.

Pno.

accel.

178

Tbn.

Pno.

mf

mf

mf

MOV. III - YWANIA

12

Convocando ♩=102

"Os clãs se reúnem, traçando estratégias em união."

182

Tbn.

f

Convocando ♩=102

mp

Pno.

f

mp

188

Tbn.

Pno.

194

Tbn.

Pno.

199

Tbn.

mf

Pno.

mf

mf

MOV. III - YWANIA

13

Ritual

"Aldeia reunida em cânticos, preparando o espírito para a luta."

204

Tbn.

f Ritual

Pno.

208

Tbn.

Pno.

212

Tbn.

mf

Pno.

mf

216

Tbn.

Pno.

MOV. III - YWANIA

14

220

Tbn.

Pno.

224

Tbn.

Pno.

228

Tbn.

Pno.

232

Tbn.

Pno.

MOV. III - YWANIA

15

Alerta ♩=80

237 "O silêncio carrega o peso da batalha que se aproxima."

Tbn. *p*

Pno. *mf* *mp*

243

Tbn. *mf*

Pno.

250

Tbn. *mp*

Pno. *mf* *mp*

Combate ♩=92

258 "Os clãs travam sua luta, ataques secos e firmes."

Tbn.

Pno. *f*

MOV. III - YWANIA

16

262

Tbn. *f* 3 3

Pno. *p* *f* 3 3

mp *f*

268

Tbn. *f*

Pno. 3 3

274

Tbn. *f*

Pno. *rall.*

278

Tbn. *f*

Pno. *rall.*

MOV. III - YWANIA

17

Visão ♩=69

"O céu se ergue, a divindade aparece em luz cromática."

281

Tbn.

Pno.

f

Visão ♩=69

285

Tbn.

Pno.

Estrelas ♩=78

"O céu se abre sobre a aldeia, estrelas cintilam em crescendo."

289

Tbn.

Pno.

mf

Estrelas ♩=78

mp

295

Tbn.

Pno.

mp

MOV. III - YWANIA

18

300

Tbn.

Pno.

306

Tbn.

Pno.

mf *f*

mf

312

Tbn.

Pno.

f *molto rall.*

f

Vitória ♩=92
"Batalha vencida, clãs unidos, triunfo final."

316

Tbn.

Pno.

ff *fp* *ff*

Vitória ♩=92

ff *f* *mf* *ff*

Sateré-Mawé¹

Trombone

concerto para trombone e piano

MOV. I - PORANTIM²

MANUEL JÚNIOR

Alvorada

"Amanhecer na aldeia – o sopro do vento entre as árvores. Sons solitários, evocando a vida que desperta na floresta."

ad libitum

mp *espress.*

5

9

13

molto rall.

mp

Prelúdio ♩=102

18

"O movimento da caça na mata fechada."

15

f

36

"Dança ao redor da fogueira."

39

43

tr

2

mf

48

"Canto de guerra e resistência."

3

¹ Sateré-Mawé - Sateré (lagarta de fogo), clã mais importante dentre os que compõem essa sociedade. Mawé (papagaio inteligente e curioso).

² Porantim - peça de madeira com desenhos geométricos gravados em baixo relevo, semelhante a uma clava de guerra ou um remo. O Porantim possui um leque de atributos: é o legislador social dos Sateré-Mawé que o tem como sua constituição, sua bíblia, com poderes cósmicos.

© LAPEM

Material desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa Práticas e Ensino Musical - LAPEM
Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT | Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Programa de Iniciação Científica 2021-2022.
lapem@uea.edu.br

MOV. I - PORANTIM

Trombone



Meno mosso ♩=86

Affettuoso ♩=72

56 "Eco distante do porantim, chamado sagrado da tribo."

"Afeto materno, canto de ninar ancestral."

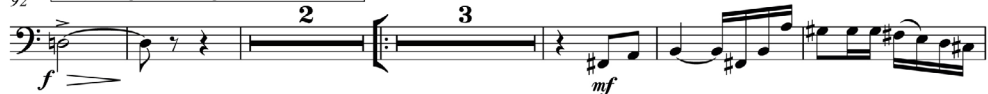


78 "Passo sereno na floresta úmida."



Andante ♩=88

92 "Com o compasso do rio que corre em banzeiro."



MOV. I - PORANTIM
Trombone

3

Agitado, como a dança do ritual ♩=98

"Ritual da tuacadeira - coragem e dor iniciática."



Sussuro da mata ♩=65

"Silêncio da mata após a chuva."



Canto ♩=72

"Canto de vitória - alegria após a conquista."



Com o pulsar da floresta ♩=102

"Dança da chuva."



MOV. I - PORANTIM

Trombone

176 *"Com solenidade ritual."*

179

182 *ff*

Cadenza
"rubato livre"
ad. libitum

185 *mf* *"O sopro dos ancestrais guiando o caminho."*

189

192

195

198 *accel.*

201 *rall.*

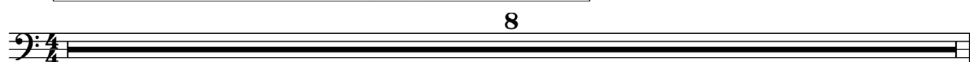
Expressivo $\text{♩} = 105$

202 *ff* *mf* *ff* *sf* *opt.*

"Ressonância do porantim - anúncio de novos cantos."

MOV. II - NUSOKEN¹**Passo dos anciãos rumo ao sagrado** $\text{♩}=110$

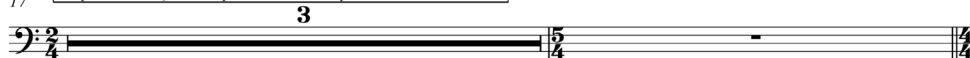
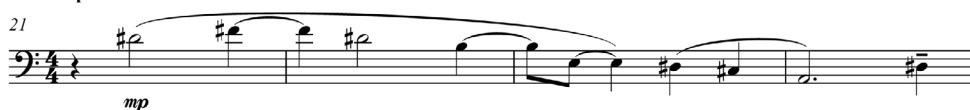
"O silêncio abre caminho para Nusoken, onde as pedras guardam a voz dos heróis."



"Cada som é como pegada no solo sagrado."

**Agitação** $\text{♩}=132$

"As pedras começam a despertar – ecos múltiplos entre sombras e luz."

**Suspirando** $\text{♩}=110$ **Aparição dos guardiões** $\text{♩}=152$

"Movimento vertiginoso – o portal do templo se abre."

**No limiar do sagrado** $\text{♩}=72$

"Avanço solene, como quem percorre o caminho para Nusoken."



¹ Nusoken - paraíso, morada dos heróis míticos

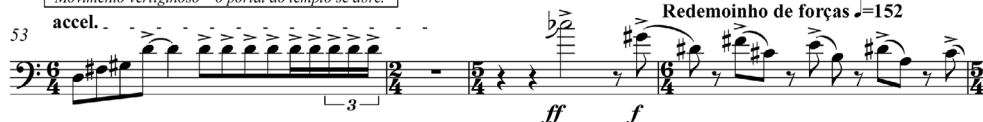
MOV. II - NUSOKEN

Trombone

Passos no templo ancestral $\text{♩}=95$ 

"Movimento vertiginoso – o portal do templo se abre."

accel.

Redemoinho de forças $\text{♩}=152$ Misterioso $\text{♩}=124$ Ritmo Cerimonial $\text{♩}=122$

"Como batida de maracá na casa ritual – firme, mas contido."



Dialogando

"Perguntas e respostas entre sábios – a sabedoria ecoa no espaço."



MOV. II - NUSOKEN
Trombone

3



Ressoando

"Vozes cruzadas – a floresta inteira participa do canto."



"A pedra respira – o som vem das entranhas da terra."

ff



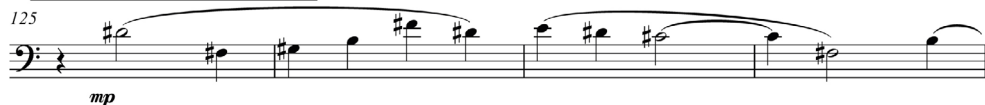
"Abertura do portal – explosão de energia sagrada."

p

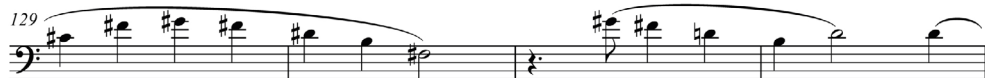
ff

Como um lamento $\text{♩} = 72$

"Canto de saudade dos heróis de Nusoken."



mp



"Chuva fina sobre o pedral – o eco se dissolve no tempo."

molto rall.



pp

MOV. III - YWANIA¹

Ciclo ♩=72

"Formação do círculo sagrado, energia começa a pulsar."



Presságio ♩=82

"A floresta anuncia movimento, sinais de batalha próxima."



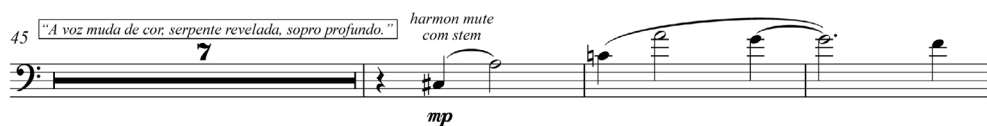
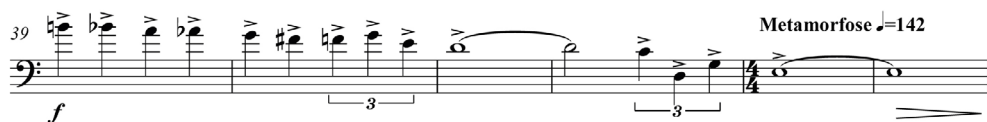
¹ Ywania - clãs. Estruturação da sociedade Sateré-Mawé. São eles: sateré (lagarta de fogo), waranã (guaranã), ywaçai (acaí), akuri (cotia), awkuy (guariba), as'ho (tatu), iaguareté (onça), piriwato (rato grande), akyi (morego), mói (cobra), hwi (gavião), nhampo (pássaro do mato), uruba (urubu) e nhap (caba). Geralmente os xamãs – paini na língua sateré-mawé, são do clã mói (cobra).

© LAPEM

Material desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa Práticas e Ensino Musical - LAPEM
Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT | Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Programa de Iniciação Científica 2021-2022.
lapem@uea.edu.br

MOV. III - YWANIA

Trombone



MOV. III - YWANIA
Trombone

3

85



Lamento ♩=82

89

"Canto ancestral em dor contida, ecoando na floresta."



93



Conselho ♩=74

"Vozes em diálogo, sabedoria transmitida entre gerações."

97



101



Como Um Vêu ♩=72

105

Impulso ♩=88



Como Um Vêu ♩=72

109

Impulso ♩=88



Alento

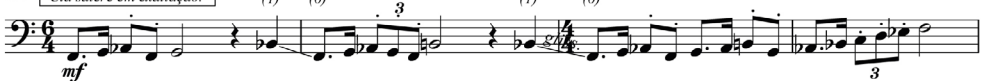
113



Raiz ♩=72

117

"Clã sateré em exaltação."



MOV. III - YWANIA

Trombone

121

124

f *mp*

Luar

"A aldeia repousa sob a lua, atmosfera clara mas em suspense."

129

134

p *molto rall.*

Transcendência ♩=122

"A escuridão se acende em energia sagrada."

140

f *mf*

Êxtase

"Chamas em espiral, calor que consome e celebra."

148

154

160

165

f *mf*

170

2. rall. *p* *mp*

MOV. III - YWANIA
Trombone

5

Prece $\text{♩} = 56$

"O mói (cobra) inspira reverência, a melodia vira oração."

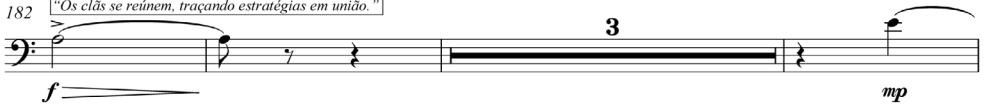


accel.



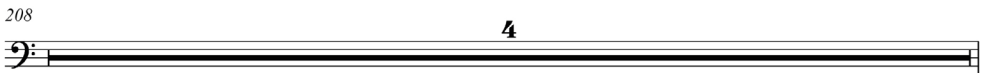
Convocando $\text{♩} = 102$

"Os clãs se reúnem, traçando estratégias em união."



Ritual

"Aldeia reunida em cânticos, preparando o espírito para a luta."



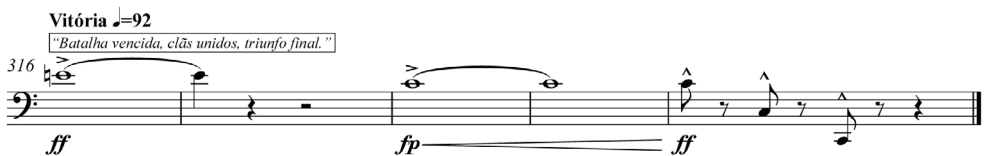
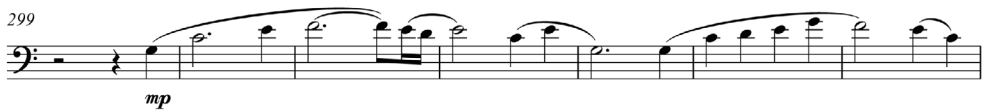
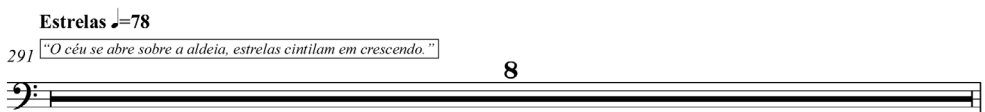
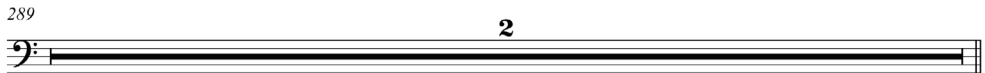
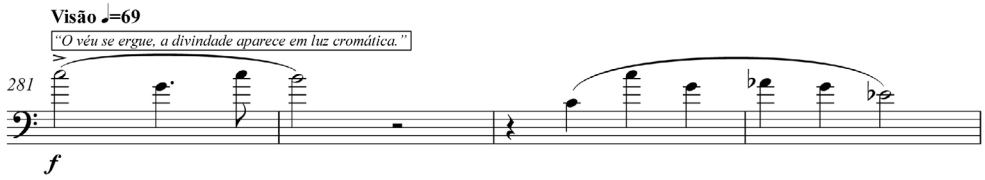
MOV. III - YWANIA

Trombone



MOV. III - YWANIA
Trombone

7



título Sateré-Mawé: Concerto para
Trombone e Piano

organizador Fabio Carmo Placido Santos

compositor Manuel Júnior

pianista colaboradora Elisama da Silva Gonçalves Santos

tipografias Chikki Gurmukhi
Tiffin Latin VF

número de páginas 86

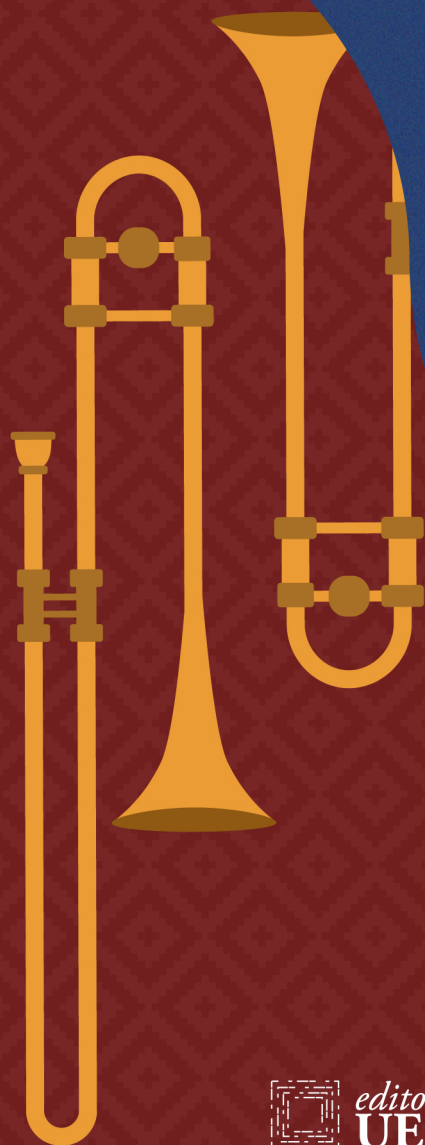


para conhecer mais da *editora*UEA e de nossas publicações,
acesse o qr code abaixo



ueaeditora





editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

